



entrevista com

# FABIO POZZEBOM

*Entrevista com Fabio Charles Pozzebom, músico e repórter fotográfico, nascido em Brasília-DF em 07 de junho de 1976. Entrevista gravada no Orbis Estúdio, em Vicente Pires-DF, no dia 14 de dezembro de 2019. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Tati Costa, Sara de Melo e Daniel Choma.*

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

**Fábio:** Eu sou daqui de Brasília mesmo. Eu nasci aqui e com duas semanas de vida fui entregue pra minha avó, que morava em fazendas aqui da região do município de Cocalzinho, Corumbá. Minha família toda é de Corumbá de Goiás, o pessoal sempre ficou orbitando nessa região de Cocalzinho, Corumbá, Pirenópolis. Aí com duas semanas eu já fui morar em fazenda e fiquei lá até os onze [anos]. Quando eu falei: não, preciso estudar porque senão a coisa complica. E não tinha escola lá. Formação musical foi meu avô, desde sempre ouvindo Zé Bettio, ouvindo aquelas coisas no rádio lá, o tempo todo. E sempre gostei muito de cantar, mas não tinha ninguém na família. Meu avô mesmo não cantava, mas foi através dele que conheci Alvarenga e Ranchinho, Tibagi e Miltoninho, todas essas duplas, o próprio Tônico e Tinoco. Ele tinha várias fitas cassete do Tônico e Tinoco, a partir daí que fui moldando o gosto pela música caipira. De lá pra cá! Aí comecei a mexer com música, sempre cantava, mas ninguém tocava nada, só galinha, porco, vaca, essas coisas! [Risos] Em [19]94 um tio me deu um violão, falou: “Bicho, aprende aí cara, porque fica cantando...” Ia todo mundo no Natal pra lá, todo mundo cantando, mas ninguém tocava nada. Aí fui atrás de revistinha Dó, Sol, aquela coisa toda no violão. Nunca tinha pensado em ser profissional, até porque eu não sou até hoje... Comecei a trabalhar com fotografia e quando estava fazendo meu portfólio, pra tirar o registro profissional, eu queria alguma coisa de cultura popular e não tinha. Eu precisava ter alguns segmentos: política, esportes e não tinha nada de cultura popular. Aí meu tio deu a ideia, esse mesmo tio do violão: “Cara, vai ter uma Folia de Reis, Folia do Divino aqui. A galera vai a cavalo, vai girar as fazendas, acho que isso aí da foto.” Falei: “Me põe dentro aí, eu vou.” Eu e cavalo não temos a menor intimidade... [Risos] Fui assim mesmo, era pra ficar uma semana eu fiquei dois dias. Não tinha condições! Mas rendeu, rendeu muita foto. Eu estava como folião, então tinha divisa no peito, seguir as regras lá tudo certinho, mas eu fotografava. Aí no segundo dia, antes tinha rolado o bendito de mesa, o povo estava indo comer e tal. Eram dois violeiros, o violeiro pegou e falou: “Ó, toma aí.” E jogou a viola na minha mão. Aí falei: “Não, mas eu não sei tocar viola não.” Ele falou: “Mas eu sei que você toca violão, as duas cordas debaixo é igual. Vai lá.” Aí largou a viola comigo e fiquei lá: blem, blem, blem. Quando ele voltou, falei: “Ó rapaz, acho que é parecido o negócio mesmo!” Aí ele falou: “Então vamos embora, toca uns recortado aí que eu vou dançar catira agora!” Foi o batismo da viola! Eu já saí de lá com essa coisa na ideia de que, cara, tudo que eu tentava fazer no violão não era no violão, era da viola. Entendeu? Porque o repertório era caipira, mas não tocava viola. E aí comprei uma violinha, comecei e foi quando eu fui atrás e consegui entrar na Escola de Música [de Brasília]. Tive a honra de estudar com o Roberto [Corrêa] lá um tempo, até ele se aposentar.

**Domingos: Vamos chegar nessa história aí! Mas ainda na sua infância, como era lá no sítio, o que você fazia?**

**Fábio:** Minha avó nunca me deixou trabalhar na roça. Ela sempre falava: “Não, você não vai mexer com roça, você tem que estudar, tem que estudar.” Aí eu ficava mais brincando, mas acabava ajudando meu avô na horta. Ele tinha uma horta lá e tinha algumas funções pra eu fazer, tipo: tirar ovo de borboleta da folha da couve. Isso era diário! Aguar os canteiros de

manhã e de tarde. Ficar de olho nos matos que cresciam lá. Tirar o broto do pé de tomate, isso é importante, cara. Importante, pé de tomate tem um brotinho que nasce ali, você tem que tirar senão ele não dá tomate. Aí eu ficava mais cuidando disso e cantando, sempre cantando. Meu avô falava: “Aquela música que você ouviu, já aprendeu?” A gente cantava lá, enquanto estava ajudando ele na roça. Mas tinha o problema de estudar, esse que era o negócio. Não tinha escola perto, não tinha jeito. Essa última fazenda que morei, a escola ficava a oito quilômetros e tinha um rio. A gente morava do lado de lá do rio, então nesse período de chuva agora, quando chovia não tinha condições, não tinha como ir pra escola, não tinha o que fazer. O rio enchia, ficava ilhado, aí eu ficava fazendo marcações na beira do rio, não sei se você sabe como é isso? Não? Você chega na beira do rio ele está cheio. Aí arrumava uma vara, coisa assim, enfiava onde a água estava, na lama. Ia embora, no outro dia você voltava, procura onde a vara está: ela afundou ou ela ficou lá pra trás? Se ela afundou o rio está enchendo ainda, não tem o que fazer. Ficava nessa marcação de ver: ah não, amanhã já dá pra ir pra escola que o rio está baixando. E isso aí, fiquei lá até os onze [anos], nessa labuta de tentar estudar e ajudando o vô. Até que falei: gente, não tem jeito, tem que ir. Com onze ainda estava no segundo ano, falei: caramba, estou atrasado tenho que correr atrás. Aí foi quando eu vim embora pra cá pra Brasília.

**Domingos: Seu avô gostava de ouvir você cantar? Era só a capela?**

**Fábio:** Ele pedia. Era. Mas meu avô era muito bravo, muito xucro, da roça mesmo assim. Do tipo que você chegava pra ele, acordava de manhã: “Benção vô.” Ele: “Deus abençoe.” Era assim. Às vezes quando ia na roça, que ele estava lá trabalhando, você chegava perto, ou estava caçando passarinho, alguma coisa assim, ele já falava: “Bora menino, vaza daqui, vou cortar você no facão aqui!” *[Risos]* Mas era um carinho doido. Tinha um respeito por ele fenomenal. No fim do dia, quando ele voltava da roça, tirava aquela roupa cheia de barro, aquela coisa. Porque o velho era terrível, chovendo, com sol, ele estava lá capinando do mesmo jeito. Não tinha essa coisa não. Aí ele sentava, acendia um cigarrinho, ligava o rádio dele lá, sabe? Ele falava: “Olha, essa música aqui é boa. Essa aqui é fulano de tal.” Ele conhecia tudo, sabia os nomes das duplas, falava: “Essa é dupla tal, música tal.” Ficava lá fumando o cigarrinho dele e ouvindo as modas. E no fim de semana tomava uma pinguinha. Aí era só alegria! Ele virava outra pessoa! *[Risos]* Chamava pra cantar, sentava no colo, era uma beleza! Agora, durante a semana não. Ai, ai...

**Domingos: O que você cantava, lembra alguma coisinha que você cantava, a capela, naquela época?**

**Fábio:** Meu tio, outro tio meu comprava umas revistinhas, não sei se vocês lembram disso, que vinha assim: modinha. Era uma publicação pequena, parecia um livreto de bolso e tinha a letra das músicas, mas só a letra, não tinha cifra, pra você cantar junto olhando a letra. Coisa muito doida, como se fosse um encarte de disco, mas era uma publicação. Lembro disso, assim [tamanho] dez por quinze. E lembro que meu tio levou uma do Sergio Reis. Tinha esses clássicos de regravação e tudo: “Boiadeiro errante.” Tinha muita música do Zé

Carreiro e Carreirinho, acho que tinha uma revista dessa lá. Quando era festa, alguma coisa, na época da seca principalmente, você fazia uma fogueirinha lá na frente da casa, ficava todo mundo, conversava, depois acabava o assunto começava a cantar. Sempre ali, em volta da fogueira, no alpendre de casa mesmo. Época muito boa! *[Risos]* A vida muito sofrida, muito difícil. Nessa fazenda ainda era boa porque tinha luz. No fundo da casa era fenomenal, tinha uma bica d'água, cara. Você dormia com barulho de cachoeira o tempo inteiro, era a bica d'água. Que era a água que a gente puxava pra aguar a horta e era do lado da casa dessa fazenda que a gente morou. Isso aqui no município de Cocalzinho também. E a gente morou em outra. Morou em várias, na verdade, mas me recordo bem só de duas, que foram as duas últimas. Também no município próximo a Edilândia, que é onde o povo todo mora hoje, setenta quilômetros aqui de Brasília. Lá era complicado, cara, lá era difícil porque não tinha água. No local lá não tinha água, a água vinha de longe pra caramba, com mangueira, essa mangueira preta. Não tinha luz também. Na casa não tinha piso, era piso de terra mesmo, sabe? Meu avô meio que desbravou o troço lá, cara. Porque só tinha a casa, um curral velho na porta e sei lá, em um ano e pouco que ele estava lá já estava totalmente formado, cheio de planta pra todo lado. O velho era danado! A água vinha de longe pra caramba. Quando a gente chegou lá a única coisa que tinha era cobra. Cobra, meu amigo do céu, nunca vi tanta cascavel! Era cascavel, não era qualquer uma não. Pra brincar no quintal você tinha que por bota, aquelas botas de borracha. Lembro perfeitamente disso, foi quando aprendi a ver, diferenciar coral falsa da verdadeira! Pra você ver o tanto que tinha: jararaca, jararacuçu, cascavel. Cascavel, era uma loucura, sabe? No começo, quando a gente começou a criar galinha lá, ficava disputando: será que o pintinho vai vingar ou a cobra vai comer? *[Risos]* Muito doido isso, cara. Lá no início foi muito difícil, sabe? Depois a gente saiu pra essa outra onde já tinha mais estrutura de eletricidade, já tinha mais a água. Eu me lembro que meu avô falava: "Olha gente, sem luz dá pra viver, mas sem água fica difícil." Porque o problema da água vir de longe não era só questão da estrutura que você tinha que fazer, mas é porque tinha gado no caminho e o gado come tudo. Aí ele comia a mangueira de água, cara, era direto isso. Ah, meu Deus, acabou a água. O velho tinha que ir lá procurar a mangueira. A mangueira era toda enterrada, mesmo assim o bicho achava e comia o troço, sabe? Essa fazenda que a gente morou - na verdade não era fazenda, era um sítio, um trecho de uma fazenda maior -, foi que eu fiz, tem um poema pra ela, está até aqui.

*[Recita]*

*"Soneto do retiro"*

*No meu retiro retirante*

*Tudo era ermo*

*Sem luz, sem água*

*Sem tempero*

*Um sopé de morro descambado*  
*Cheio de cobra e meleta do cerrado*  
*No paiol contava as fileiras de milho*  
*Se der quinze a gente vai ficar rico*  
*Enquanto não, vamos pra plantação*  
*Catar abóbora pra servir de ração*  
*E haja vista pra enxergar o horizonte*  
*E haja sal pra espantar os curiangos*  
*Os passarinhos de lá cantavam tão longe*  
*Que o tiro da dois canos era infame*  
*Não tinha peixe*  
*Nem rio*  
*Nem estudo*  
*Só nós lá*  
*Feliz*  
*Fingindo ter futuro*

**Domingos: Nesse lugar onde tinha cobra tinha rezador [benzedor] de cobra?**

**Fábio:** Humhum. Tinha uma velha benzedeira lá que dizia que era: “Ah não, vou lá fazer umas rezas.” Eu digo que não tinha, mas tinha essa mulher. Mas como eu não acreditava muito... *[Risos]* Porque não adiantava! Lembro disso até hoje, ela ia lá, era bem idosa já, devia ter uns quase setenta anos, e sempre arrastando um menininho pequeno perto dela. Eu falava: gente, deve ser neto, bisneto, eu sei lá... Me lembro disso como se fosse hoje, ela ia lá pelo menos uma vez por mês, disse que ia rezar pra tirar as cobras de lá, as cascavel. Bicho, o cerradão lá era bravo mesmo, cerrado bruto assim. E aí ela pegava umas ervas lá, diz que fazia as rezas, pra poder a gente pagar com açúcar, rapadura, farinha, essas coisas. Ela não rezava nada, ela ia lá por causa dos mantimentos! *[Risos]* Mas eu lembro que achei muito engraçado, ela sempre andava com um menininho, eu achava que o menino era neto dela. Não era cara, era filho dela. Ninguém sabia nada onde aquela mulher morava, mas ela estava sempre com o menino e amamentava o menino, muito doido, a história. Não adiantava nada não, as cobras ficavam tudo lá do mesmo jeito! *[Risos]*

**Domingos: Fábio, daí você vem direto pra Brasília?**

**Fábio:** Foi, vim morar na casa de uma tia, de um tio na verdade, pra continuar os estudos. Mas sempre gostei muito de escrever, mesmo nessa época que morava lá na fazenda eu já tinha algumas coisas escritas, alguns versinhos escritos, uns versos aqui e acolá. Depois que vim pra cá, que pude seguir os estudos, continuei escrevendo. Então, antes de ser cantador eu já escrevia, já tinha muito verso. E sempre tem uma coisa com soneto, eu devo ter mais de cem sonetos guardados, de diversos temas. Alguns já consegui musicar, outros não. Eu sempre tive muita facilidade com a letra das coisas. De ouvir, por exemplo, a música, e conseguir achar um mote ali, fazer a letra pra ela, com quatorze anos eu já tinha um caderno com mais de cem versos, sabe? Tudo bonitinho, escrito ali pra não perder, mas não conseguia musicar. Ainda não consigo muito até hoje, tenho dificuldade com a parte de harmonia mesmo, mas às vezes a música vem inteira. Já aconteceu várias vezes de sonhar e acordava de madrugada com a música, corria pegar o celular e gravar ali para não esquecer. Teve uma que sonhei com a Bethânia cantando, inclusive! Está gravado! *[Risos]* Essa foi uma das que veio pronta, não precisei fazer nada, nunca mexi em nada. Outras não, outras eu pego o tema e vou trabalhando, como essa que fiz com o Marquinhos. Só que essa do Marquinhos já foi o contrário, ele fez a letra e me mandou: “Você acha que isso aí funciona, tal?” Peguei a letra falei: “Cara, acho que sim.” Acabou virando a música, mas é raro isso, na maioria das vezes eu boto a letra pra depois fazer a melodia. E às vezes nasce junta.

**Domingos: Da sua chegada em Brasília, você lembra bem como foram as primeiras impressões da cidade?**

**Fábio:** A gente vinha sempre pra cá, minha avó vinha pelo menos uma vez por mês. A gente sempre estava aqui em Brasília em consulta de médico, essas coisas. Mas aqui, Brasília em si não mudou muito, a não ser as outras cidades que apareceram. Ceilândia não tinha a QNR, não tinha aquela área expansão. Mas o que mudou mesmo foi Águas Lindas, a gente passava ali quase sempre, não tinha nada. Hoje você tem uma cidade, sei lá, deve ter quase meio milhão de habitantes lá, se não tiver mais. A gente vinha de lá pra cá de ônibus mesmo, pra essas consultas, enfim... Aí foi quando eu decidi vir pra cá. Porque ficar aqui na roça é excelente, é bom, mas não dá. Se você criar raiz você não consegue, como diz o outro, raiz só vai pra baixo! *[Risos]* Tem que crescer e dar frutos a história! Foi quando eu vim pra cá, deu tudo certo de vir morar com a minha tia, pra seguir nos estudos.

**Domingos: Aí você ficou um tempo morando com ela?**

**Fábio:** Foi, eu fiquei com ela uns dois anos ou mais. Aí calhou que minha mãe já estava com a vida mais estabelecida, fui morar com ela. Ela morava na Cidade Ocidental, que é aqui no entorno de Brasília. Minha tia morava em Taguatinga, daqui, depois fui morar com ela na Cidade Ocidental. É, fiquei uns três anos aqui, porque lá eu fui, já estava no ginásio, no quinto ano. Aí morei algum tempo com a minha mãe, que estava trabalhando num consultório de dentista, aqui em Brasília. Por acaso, o cara estava precisando de alguém pra



ficar no consultório, pra atender telefone, essas coisas, nessa época eu tinha quinze anos e minha mãe falou: “Você quer ir pra lá?” Eu falei: pô, vou deixar de estudar no Goiás pra estudar em Brasília de novo, acho que é vantajoso! Eu já estava iniciando o ensino médio, aí eu vim, cara, morar sozinho aqui no consultório. Tinha quinze pra dezesseis anos e não voltei mais, fiquei aqui, já concluindo o ensino médio, estudando e tal. Sempre tocando violão e escrevendo. Acho que esse período de solidão, dos dezessete aos dezenove [anos], posso dizer, foi mais profícuo pra escrever. Você tem que lidar com a solidão de algum jeito, porque as pessoas não ficavam lá, eu ficava a semana toda sozinho. Estudava de manhã, voltava à tarde, dava uma corrida, alguma coisa e no resto do tempo estava com tempo livre pra fazer um ou outro trabalho que tinha lá e estudar. Sobrava muito tempo livre pra escrever, foi o período que eu mais escrevi, mais fiz, vários, vários poemas. Tem que publicar isso um dia! *[Risos]*

**Domingos: Você tinha o sentimento de solidão? Chegava a se sentir em solidão?**

**Fábio:** Sim. Você precisa, na verdade, aprender a conviver com você mesmo, se autoconhecer. Isso é fundamental. É bom cara, no fim das contas, porque você acaba se conhecendo tanto que você não se deixa ludibriar fácil. Não, espera aí... Não é bem assim não! Eu nunca fui de ter muitos amigos, sabe? Nesse período eu tinha alguns amigos, que tenho até hoje, mas nunca fui um cara extremamente popular, assim, de ter vários amigos, de convites, não. Era mais recluso mesmo e escrevendo o tempo todo. Acho que lidar com a solidão acabou meio que virando... Porque ela acaba te gerando sentimentos ruins, você acha que está meio jogado, meio isolado e você precisa ter uma forma de expurgar isso, de falar: “Não, espera aí, esse aqui não sou eu. Então vamos tentar direcionar isso aqui prum canto.” Aí acho que pra mim foram os poemas mesmo, foi com a escrita e com a música. Mas uma coisa engraçada, a primeira música que fiz foi em [19]99, cara. Você vê, cinco anos depois desse período de solidão. Eu já estava casado e foi quando fiz a primeira música. Ou seja, não sei se estava depurando, sei lá, enfim... Mas demorou um pouco a cair a ficha. Cara, isso aqui pode virar uma música, sabe? É engraçado isso, hoje quando vejo alguns poemas, falo: isso aqui é fácil de musicar, está dentro de uma métrica. Talvez pela vivência, já dentro da música, mas na época não, era mesmo só o poema, que não paga conta de ninguém! *[Risos]*

**Domingos: Mas traz outras coisas!**

**Fábio:** Traz, claro! O principal não é nem pagar conta, acho que o principal é você se sentir bem. Você precisa ter uma válvula de escape, a minha foi a poesia na época e hoje é a música. Apesar de trabalhar com foto, trabalho com fotografia há mais de vinte anos, é de onde eu venho, meu ganha-pão, vamos dizer assim, o que é bom pra música. Isso eu aprendi com o Roberto [Corrêa], ele falava: “Fábio, você não é profissional, você não ser profissional é bom pra poder fazer o que você quiser com a sua música. Porque você não fica preso a nada. Você não fica preso a regra, você tem que cantar isso, cantar aquilo.” Não, de maneira alguma, não precisa. Vamos ver até quando eu consigo levar isso! *[Risos]*

**Domingos: Essa primeira música você lembra um trequinho?**

**Fabio:** Lembro, mas na viola nunca parei pra tirar nada. Agora vou começar a revisar essas coisas. Ela foi de um poema que eu fiz, essa foi de um poema mesmo. Não vou me lembrar como era, inclusive essa música, não cheguei a falar isso, na verdade... É porque cronologicamente aconteceu depois. Em 2005 eu cheguei a gravar um disco, não sei se cheguei a te contar isso? Tive uma dupla, dupla sertaneja mesmo, a gente cantava música de rádio, vamos dizer assim, isso num período pré-universitário... Sertanejo pré-universitário! *[Risos]* E a gente gravou um disco, mais pra mostrar as composições, porque eu tinha, e o Cleyton Mendes - o rapaz que cantava comigo -, também tinha músicas. Então a gente juntou as composições, dividiu os custos e gravamos o disco. Acabou que a música que deu o nome ao disco foi essa primeira música que eu compus: "Papel amassado". Tocar eu não consigo, mas consigo declamar, ela dizia assim:

*[Declama o poema "Papel amassado", de sua autoria:]*

*Cheguei mais cedo no bar em que sempre passava*

*Pra ver se sobrava mais tempo pra me embriagar*

*Aí o garçom que trazia o uísque perguntou outra vez de você*

*E aí eu lhe disse pra não me lembrar ou eu iria morrer*

*Perguntou onde estava o caderno cheio de beijos e lindas poesias*

*Eu respondi que de agora em diante isso era só nostalgia*

*Lá pelas tantas sozinho, esquecido...*

**Fabio:** Estou tentando lembrar aqui. *[Cantarola]* Lá pelas tantas sozinho, esquecido... Enfim, não vou lembrar a letra, tem tanto tempo que não canto isso... Digo que eu saio do bar e tinha escrito um poema lá no bar, aí era tipo um poema de despedida, em que eu arranco, amasso e joga fora, pra ver se o vento leva a pessoa, que eu não vou entregar... Essa foi a música que foi o tema do disco: "Papel amassado". Sempre procuro brincar alguma coisa assim com as letras, sempre ter, como dizia Vinícius, tinha que ter uma cereja no fim do bolo, senão... Fica sem graça! Aí a gente gravou esse disco em 2005, fez um relativo sucesso aqui em Brasília até. A música entrou na grade das rádios aqui, tocava. Cheguei a ser reconhecido na rua: Ó... Eu não chamava Fabio, era Charles, que é meu nome do meio. A dupla chamava Charles e Cleyton. Era engraçado isso, eu estava no shopping, o cara: "Ô, como que está? Te vi no show!" *[Risos]* Mas dinheiro, cara, nenhum bicho, era só, meu Deus do céu, era muito gasto. Muito dinheiro... Mas acho que faltou incentivo, se a gente tivesse ido adiante, talvez com alguém investindo, com certeza teria dado certo. É uma pena, eu não ia estar aqui! Nem ia estar com a violinha no colo também! Mas foi legal, foi um período muito bom, de muito aprendizado, sabe? Teve um show que a gente foi tocar - isso é



engraçado pra caramba-, era uma festa, tinha várias duplas tocando, aquela coisa do sertanejo bombando. Aí o cara anunciou a gente: Charles e Cleyton. Tinha uma banda pra tocar pra todo mundo, só que não tinha ensaio, não tinha nada. Você chegava lá, falava a música, o tom e vamos embora. Aí a gente subiu no palco, o Cleyton vira pro cara da banda, era o guitarrista e falou: “Vai cantar do Cristian e Ralf ‘Nova Iorque’”. Aí ele vai, grita pro cara assim: “Nova Iorque. Lá maior.” Cara, beleza! Aí o cara me mete um Ré maior. Assim: vrraaa. Eu só olhei pra ele e falei: “E agora, irmão?” Ele: “Bora!” Bicho, não foi brincado! *[Risos]* Cara, estava mais alto que o original! Sei lá, a gente conseguiu cantar, cheio de falsete pra todo lado! *[Risos]* As aventuras da música! Nem tinha o que fazer, não tinha como parar, era cantar. Cara, vamos fazer, vamos fazer! *[Risos]*

**Domingos: Cantador bom passa por esses desafios aí!**

**Fábio:** Uai, tem que fazer, velho! Cheio de semitonação em tudo quanto é lugar desafinando pra caramba, mas vai! *[Risos]*

**Domingos: E quando você começa a aproximar mais da viola?**

**Fábio:** Olha, a dupla começou, a gente gravou em 2005, lançou em 2006. Estava tocando bastante aqui na cidade, mas era só aqui. Quando eu comecei a ver que a coisa estava meio, cara, não vai, está faltando tempo, faltando investimento, tal. Eu já estava começando a mexer com a viola, porque eu já tinha viola, tinha comprado antes e já estava tirando algumas coisas. Nunca me preocupei muito em tirar as coisas da dupla na viola, até porque é outra pegada, vamos dizer assim, é outro gênero até quase, eu acho. Logo na sequência, acho que 2007, em 2008, se não me engano, não me lembro a data agora, já fui atrás da Escola de Música [de Brasília] e comecei a ver como eram as coisas. Só que nesse meio do caminho nasceu filho, eu me separei, casei de novo. A vida tem o rumo dela, você quer levar ela pra cá, mas ela tem o rumo dela! Acabou que foi em 2015, eu só fui conseguir entrar na Escola de Música [de Brasília] em 2015. 2015? Foi, quando meu primeiro filho nasceu, em 2015. Eu já tinha estudado lá um período antes e acabou, por problemas de trabalho, não consegui levar o curso adiante. Em 2015 eu voltei, começando do zero novamente, com o Roberto [Corrêa]. Fiz o teste, entrei em 2015 e aí precisei sair de novo porque nasceu meu terceiro filho, o primeiro [filho] do segundo casamento, e complicações lá, a gente não teve com quem deixar, tive que sair do curso. E aí voltei depois, olha a complicação! No ano seguinte eu voltei, só que o Roberto saiu! *[Risos]* Pra fazer o doutorado dele. Fiquei sem professor de instrumento, falei: não dá pra continuar fazendo só teoria. Saí da Escola de novo. Agora, em 2017, o Roberto voltou e falou: “Fábio, eu retornei, estou falando com os alunos aqui que tinham desistido, tu quer voltar?” Falei: “Volto!” Acabei voltando em 2017, consegui reaproveitar algumas das matérias que tinha feito e já me dedicando à viola, à música caipira autoral.

**Domingos: Como foi esse período com o Roberto?**

**Fábio:** Ah, muito enriquecedor. O Roberto, falei isso pra ele: “Mestre, você tem dois Robertos assim, você tem o Roberto de antes, que foi o primeiro com quem estudei, que era...” Eu falei isso pra ele, ele ficou morrendo de rir. “- Você era extremamente rígido com a posição da mão, com a posição do instrumento. E outro Roberto agora, depois do doutorado!” Que já olha e fala: não, está bom, é o jeito do cara, deixa ele! *[Risos]* Mas claro, sem perder o correto como tem que ser. Foi um período de muito aprendizado, não só com o Roberto, mas com a escola toda, as coisas que você aprende lá. Você não está fazendo um instrumento, você está fazendo música, aprende que a música faz parte da sua vida em tudo, em todos os momentos. E que não é só o seu instrumento, você tem uma gama de coisas que precisa aprender, saber e lidar. O maior legado que a escola te passa é o conhecimento das pessoas que trabalham na área. Eu jamais teria te conhecido, por exemplo, se não fosse pela escola. Aonde, como é que você vai conhecer? E vários outros amigos, *[Ricardo]* Vignini, de São Paulo. Muita gente de fora, muita gente boa, você acaba conhecendo muito profissional, gente que realmente se dedica ao instrumento - não só tocando, como fabricando -, que você jamais conheceria se não estivesse num ambiente acadêmico. De colegas que te indicam, que te mostram, falam: “Olha, você já ouviu isso aqui? Você já ouviu aqui?” É impressionante a viola hoje, não é? É impressionante, quem está no meio, quem conhece realmente fica impressionado de dizer: “Cara, eu achava que a viola era a violinha do Tonico e Tinoco ali.” Não é só isso. Não é só a viola do Tião *[Carreiro]*, você tem uma galera que toca Tião aí, na velocidade, número dez. Mas você tem gente fazendo coisas maravilhosas, tem gente tocando Bach na viola. Então assim, que instrumento é esse? Que gama de possibilidades é essa que esse instrumento te dá, que deixa de ser a viola caipira pra ser a viola brasileira. O maior instrumento brasileiro, pra mim, é a viola. Pra você conseguir juntar tudo. Você toca tudo, de Bossa Nova, Clube da Esquina, Música erudita, não tem limites. E isso a Escola *[de Música de Brasília]* mostra, a Escola te dá, só tem que ter tempo de correr atrás! E se dedicar! Problema é esse pra mim, a maior dificuldade é isso, acho que eu precisava ser três, um pra trabalhar, um pra cuidar da família e outro pra se dedicar só ao instrumento! Aí ia chegar no nível que eu sei que eu preciso estar! É difícil! *[Risos]*

**Domingos: Você acha que existe essa coisa do dom?**

**Fábio:** Tem uma tirinha, acho que explica muito: ela mostra o menino no quarto com um violão desse tamanho lá e ele vai crescendo com o instrumento. Já está grande, cabelão, tal, a galera chega pra ele e fala: “Cara, como você toca, que dom maravilhoso você tem!” Gente, dom é prática. Não tem jeito, dom é prática. Diferentemente da fotografia, que também a prática acaba realçando o dom que você tenha, mas lá você precisa ter equipamento pra isso. Você precisa ter, não adianta achar que qualquer equipamento vai resolver. Não vai. Tudo bem, se você tiver um celular vai fazer uma puta foto. Beleza! Você tem a experiência que vai acabar sobrepujando a deficiência do equipamento. No instrumento, cara, não adianta, você precisa ralar. Não tem jeito. E cada um tem seu modo, sua forma, tem gente que diz: você precisa se dedicar pelo menos três horas, duas horas,

uma hora, aí você vai conseguir o que você quer. Já tive relato de gente que fala o seguinte: “O instrumento fica lá, toda hora eu pego. Toda hora eu pego, estou assistindo televisão e estou lá...” É jeito, uma forma de conseguir chegar naquilo que você deseja. Eu não creio que seja só dom não. Sabe o que acho que é dom, na verdade? Dom, pra mim, é a forma que o universo todo conspira pra você chegar naquele ponto ali, de aprender tal coisa, mas lá atrás você pensou. Tem uma frase que diz: você tem que ter muito cuidado com o que deseja. Porque você deseja e vai acabar chegando, então tem que estar preparado praquilo. Acho que o dom tem muito disso, viu alguém tocando, falou: puta, caramba velho, tenho vontade de tocar esse negócio aí. Pronto! Alguém ali em cima anotou, seu dom vai chegar! Você vai ter que se virar nos trinta e fazer, não tem jeito não! Claro, os asiáticos estão aí pra provar tudo ao contrário, você vê aqueles menininhos lá... Mas também, quanto tempo aquele menino estuda, deve ser, o cara fica lá vinte e quatro horas por dia tocando. Dom é prática!

**Domingos: Qual a importância, em especial pra viola caipira, da Escola de Música de Brasília?**

**Fábio:** Olha, eu acho que talvez o governo não entenda quão grande é aquilo ali. Sabe? De você ter condições de pegar uma pessoa que descobriu o dom, vamos dizer assim, do instrumento e está treinando ali, tirando uma musiquinha, tirou três músicas, pegou o edital, tirou três músicas ali. Mas ele tem uma vivência na música caipira. Tem um colega meu que indiquei ele pra fazer, inclusive acho que ele fez agora, esse último edital de lá, ele falou: “Cara, será que eu consigo aprender?” “- Mas claro que consegue!” Eu falei: “Você gosta de música caipira?” Ele falou: “Pô, claro, ouço música caipira desde menino.” Falei: “Então por que você não vai aprender? É claro que você vai aprender.” O negócio está aí, no seu sangue, está lá pulsando no seu coração, entendeu? Se abrir vai ter umas plantinhas lá dentro, brotando, sabe? Então fazer. Está em você? Está em você, vai pôr isso pra fora, velho, não tem jeito. Ele fez agora a prova pra tentar entrar, pegou o edital, está estudando. Volto a dizer, acho que o governo não tem ideia da dimensão, da importância que aquilo ali tem pra formação acadêmica, sabe? Porque mesmo que você já toque muito, mesmo que já tenha sucesso. “- Ah, eu vivo do instrumento, tal.” Se você entra lá as portas se abrem, como falei, você consegue enxergar horizontes que você acha que não existiam, vai conhecer coisas que não conhecia. E não só da música caipira, abre seu leque. Então acho que melhoraram bastante lá, teve uma reforma, mas se o governo olhasse com mais carinho... É difícil pedir ao governo pra olhar com carinho pra cultura. Difícil, porque interessa pra quem? Mas se olhasse, realmente precisaria ter alguém com a cabeça dizendo: nossa, isso aqui é importante. Imagina... O primeiro curso de viola, sabe? Quantos anos tem? Mais de trinta, não é? Desde [os anos de] oitenta e poucos. Se alguém chegou aqui e era tudo mato, e desbravou, foi o Roberto [Corrêa]. Ou seja, precisa reconhecer a importância do curso, a importância pra música, a importância pra formação das pessoas. É importantíssimo, está doido! E o mais legal de tudo é o seguinte: você não precisa parar. Tipo, acabei minha formatura do [nível] básico agora e ainda tenho mais três anos de [nível] técnico, depois

posso ir pra UnB, posso ir pra onde eu quiser. Então o estudo não para nunca. É difícil, eu parei agora, já estou me coçando, ai meu Deus! Tenho que conciliar os projetos pra ver o que vai fazer!

**Domingos: Como você vê a presença da viola no Distrito Federal?**

**Fábio:** Cara, eu acho a viola aqui muito forte, você tem vários segmentos que trabalham juntos. Tem o Clube do Violeiro Caipira, do Volmi [Batista], é bem atuante mesmo. Tem vários produtores culturais que militam principalmente nessa área. Tem programas de TV importantíssimos, o Brasil Caipira hoje é o maior programa de música caipira do país, uma audiência tremenda. Eu acho que é muito forte e é legal que a viola transita nos outros meios, você consegue trazer a galera do rock, do pagode, do sertanejo mesmo, às vezes o cara gosta sem nem saber que gosta. A viola tem meio que isso, faz parte do inconsciente coletivo da galera. Às vezes o cara não sabe nada, quando ouve, fala: “Essa música é demais velho, essa música, caramba, eu gosto disso aí.” Aqui é muito forte, mesmo sem apoio. Como sempre, não tem apoio nenhum, zero apoio, muito difícil, mas eu acho muito forte, muito vibrante, muito pulsante, a viola está inserida em tudo quanto é lugar. Marcello Linhos agora, do “Os Melhores do Mundo”, fazendo peça com viola e causo. É muito legal, cara, muito legal! A viola tem portas abertas em todos os palácios, desde que você não esteja com um pires na mão... Porque aí complica! [Risos] Você sabe disso, se é verdade a história que o Tião [Carreiro] tocou na inauguração aqui? Porque o “Pagode em Brasília” tem esse mito aí, de que ele tocou lá no parlatório do Palácio do Planalto, no dia da inauguração. Eu não sei, precisaria conversar com o povo da época pra confirmar se essa tese é verdadeira.

**Domingos: Eu acho que teria algum registro, não é? Fotográfico, pelo menos, e não rola nada...**

**Fábio:** Pois é. Mas é engraçado, do dia da inauguração tem pouca coisa. Você tem muita coisa do Fontenelle, o fotógrafo que estava aqui na época, no Arquivo Público, das pessoas comemorando. Mas da solenidade em si não. Tá aí, eu vou atrás disso, interessante! Projeto fotográfico interessante esse aí! Música e fotografia está ali, agarrado! Sempre!

**Domingos: Como é essa junção?**

**Fábio:** Cara, é muito doida, porque eu já tinha fotógrafos na família. Meu tio Vanderlei era fotógrafo antes. Porque era pra eu ter sido dentista, como estava trabalhando no consultório, na época, então era pra ter seguido, mas não dava, não era minha praia. Acho que a poesia estava mais ligada com a fotografia e com a música, do que com dente! [Risos] O que falava mais forte, na época, era a poesia. Acabei indo estagiar num laboratório fotográfico, ainda preto e branco, tive essa feliz oportunidade de pegar o analógico e viver essa transição dentro do laboratório, com a unha toda amarela de químico ali, revelando papel e tal. Está em constante transformação e a música também, isso que é muito doido. Hoje você fala: “Ah, qualquer um é fotógrafo.” Qualquer um pode ser músico também. Ou

seja, sempre caminha junto, é impressionante. O que você tem de inovação na música, na fotografia então nem se fala. Uma constante transformação, em constante evolução, tão difícil até de acompanhar. Muito difícil. E na minha vida, pelo menos pra mim, as duas sempre caminharam juntas. Fosse porque conhecia alguém e a pessoa me contratava pra fazer as fotos da capa do disco dela... Inclusive, a minha dupla se formou por causa da fotografia. Eu fui fotografar um show da banda Squema Seis, era a maior banda de baile que tinha aqui na época. Antes do início do show eu estava com o pessoal no camarim, fazendo umas fotos, tal, e o Zezinho Valadares, que era saxofonista do Squema Seis, veio trocar ideia comigo sobre fotografia. Estava com a máquina, tal, aí ele: “Pô, comprei uma câmera, vamos trocar ideia, estou querendo aprender.” Falei: “Estou querendo aprender música, a gente faz um escambo, não tem problema!” Aí pegou contato e ele acabou sendo o produtor artístico da dupla na época. Porque aí eu mostrei, dei as dicas de foto pra ele, ele: “Agora vamos falar de música, vamos lá em casa pra você me mostrar suas coisas.” Levei um cadernão catatau de coisas, mostrei, tal, aí ficou decidido que a gente ia gravar o disco pra tentar vender minhas composições. Por isso que eu digo, fotografia e música pra mim está sempre ali, junto! *[Risos]* Uma ajudando a outra, uma empurrando a outra o tempo todo! É interessante...

**Domingos:** Essa experiência de ver o papel revelando, a imagem, como era pra você?

**Fábio:** Velho, era mágico o troço! Era mágica pura revelar o filme também. Muito legal, tive oportunidade de trabalhar com os maiores fotógrafos aqui de Brasília, na época, Ronaldo de Oliveira, Ivaldo Cavalcanti, Eraldo Peres, estão hoje ainda na ativa. Os caras são fenomenais, as coisas que faziam com equipamento que não tinha nem foco automático, era tudo na mão. Tá louco! Era uma coisa absurda. Comecei em [19]95 no laboratório fotográfico. Ou seja, tem um chãozinho aí! E a transição foi rápida, cheguei no laboratório ainda era preto e branco, mas em pouquíssimo tempo o laboratório preto e branco foi desativado e já passou a ser colorido. As fotos começaram a ser feitas no filme colorido, a gente mandava revelar fora porque era mais prático. Mais fácil você mandar revelar fora do que revelar o filme colorido lá no laboratório que não tinha estrutura. Mas ainda fiquei fazendo as folhas de contato. O que era a folha de contato? Você pegava o filme, numa folha mais ou menos A4, cortava o filme do tamanho da folha e você imprimia a foto do filme, consegue entender? Você dispunha as folhas aqui e imprimia a foto do filme. Porque aquilo ali ia pro Arquivo Público, todo esse material. Eu trabalhava no Palácio do Buriti, todo material da cobertura dos atos do governo, fazia isso e mandava pro Arquivo Público. Então meu nome está lá porque eu fazia o laboratório dessas fotos, tem muita coisa desse material lá. Logo depois ainda veio o digital, na sequência, em 98 já estava trabalhando com digital. Ou seja, foram três anos cara! Muito rápido, não é? De lá pra cá então, meu Deus, o mundo mudou tudo. Muito doido, conseguir acompanhar isso é um desafio. Tenho que acompanhar porque é a profissão.

**Domingos:** Sai moda aí?

**Fábio:** Uai, vamos fazer.

*[Toca na viola caipira e canta a música “Feito samambaia”, de autoria de Marcos Maciel e Fábio Pozzebom:]*

*Viola dona do meu peito*

*Não tem outro jeito*

*Não vou te deixar*

*Viola em meu coração*

*O amor e a paixão*

*Vivem a judiar*

*Viola você é a raiz que me faz feliz*

*E me alegre o cantar*

*Viola você me consola*

*Quando fico triste é você que chora*

*Então cantando eu começo a lembrar*

*Lembrar de uma flor morena*

*De alma serena que me encantou*

*Nas margens do Rio Araguaia*

*Feito samambaia o querer brotou*

*Viola o nosso dueto traz o som perfeito*

*Distraíndo a dor*

*Morena desculpe o mau jeito*

*Mas foi a viola que me conquistou*

*Lembrar de uma flor morena*

*De alma serena que me encantou*

*Nas margens do Rio Araguaia*

*Feito samambaia o querer brotou*



*Viola o nosso dueto traz o som perfeito*

*Distraindo a dor*

*Morena desculpe o mau jeito*

*Mas foi a viola que me conquistou*

**Fabio:** *[Risos]* Essa moda tem um negócio engraçado porque, apesar da minha dificuldade com a harmonia, com solos e tal, essa foi a primeira que consegui pegar a letra, ajustar, fazer melodia, arranjo, tudo! Falta muita coisa, mas ainda está no caminho! *[Risos]*

**Domingos:** **O que você sente ao tocar viola?**

**Fabio:** Olha, pra mim hoje é a maior válvula de escape, sabe? O momento de tocar, o momento de tirar as coisas, os momentos de você - pelo menos pra mim, é o meu sentido, meu sentimento é esse -, ir além de tudo, de você conseguir sublimar tudo, ir além das suas capacidades, vamos dizer. Do mesmo jeito que o poema eu vou lapidando, até chegar onde quero, aqui preciso lapidar meu braço, minha mente, pra chegar aonde eu acho que está bom. Um ensinamento do professor Marcelo [Ramos], da Escola [de Música de Brasília], de teoria, que é fenomenal: você precisa ter conhecimento de onde você está errando. Você precisa saber que está errado, precisa conhecer que está errado, entender que está errado pra você saber fazer certo. Se você não souber que está errado, como vai fazer certo? Isso é fenomenal e só consegue lapidando, velho. Então, pra mim, tocar é fenomenal. Essa viola, como é elétrica, a melhor coisa é poder chegar à noite em casa e ficar tocando sem incomodar ninguém, tirando as coisas ali, sabe? “- Meu, esse acorde será que posso fazer assim?” “- Olha ficou bom, tal!” E fazendo as anotações, sabe? Então é uma válvula de escape. Ainda mais eu, sou fotojornalista, cubro política aqui em Brasília. Então, meu, se não tiver algo pra conseguir mesmo falar: aquilo lá não me pertence, deixa voltar pro meu mundo aqui... Fica difícil!

**Domingos:** **Você trabalha ali dentro do Senado, da Câmara?**

**Fabio:** Tudo. Eu trabalho na EBC, que é a Empresa Brasil de Comunicação, sou fotojornalista lá desde 2008. Já tem treze anos lá, fazendo jornalismo público, tal, isento - tentando ser isento o máximo possível -, tentando não ser “chapa branca”, oficial. Esse tempo todo, a gente cobre tudo: Palácio, Congresso, Esplanada, principalmente os assuntos de governo e de política aqui de Brasília. Minha formação na fotografia foi isso, desde sempre, comecei trabalhando em agências, já trabalhei em agência, fiz *free lancer* pra agência internacional e tudo. Por isso que a viola é legal, você consegue dissociar um pouco dessa dificuldade que é trabalhar ali, porque é pesado, não é fácil não. Na verdade, é fácil quando você está como espectador, eu acho, tem que ter consciência que você está ali pra reportar alguma coisa, saber qual é a notícia, principalmente. Não adianta entrar no plenário do Senado, está tendo uma votação, você precisa saber qual é a foto, qual é a notícia que você vai tirar ali e juntar todo o assunto do dia numa única imagem, que a pessoa olhe e diga: “Ah!” Sem legenda!

*[Risos]* Esse que é o desafio diário. Então eu gosto muito, na verdade, não me vejo, se fosse pra fotografar... Adoro fazer casamento também, faço casamento, faço tudo, mas gosto muito do trabalho do dia a dia, sabe? Por incrível que as pessoas possam achar, eu gosto de trabalhar com fotojornalismo cobrindo política aqui em Brasília. A gente está em Brasília, uai! Não tem jeito! Se a pessoa não gostar de cobrir política tem que arrumar outro rumo, fazer casamento! *[Risos]*

**Domingos: Tem muita gente que é de fora de Brasília e acha que Brasília é só política.**

**Fabio:** Pois é, eu acho que as pessoas confundem um pouco isso porque, do mesmo jeito que veio gente do país inteiro pra construir a capital, Brasília é o Brasil inteiro, velho. Não é? Já discuti com gente, quando estou viajando, o cara olha pra placa do carro, vê que é de Brasília: “Pô, Brasília só tem ladrão!” Eu falo: “Ó, presta atenção, eu sou de Brasília, não sou ladrão. E outra coisa, o Brasil inteiro manda representantes pra Brasília proporcionalmente ao número de habitantes. Se a gente for ver Brasília, a quantidade de parlamentar que tem é muito menor do que qualquer outro lugar. Então espera lá... Ah, só tem ladrão, então o Brasil inteiro está assim.” Aqui representa o Brasil, não tem jeito. Se a pessoa estiver em dúvida disso vai dar um passeio ali na rodoviária do Plano [Piloto], comer um pastel lá que vai ver! Então é porque a pessoa não conhece e tem que conhecer, gente! Tem que vir conhecer, Brasília é fenomenal, sou apaixonado por aqui!

**Domingos: Seus filhos são nascidos todos aqui?**

**Fabio:** Todos, todos aqui, os quatro. Tenho dois casais, é um casal do primeiro casamento e um casal do segundo, pra não dar briga, pra ficar certinho! *[Risos]* Os meninos são todos daqui e sabe que até agora, os grandes até que gostam... Fotografia nunca quiseram, também se quisessem eu ia dizer: “Não mexe com isso aí não... Esse negócio aí não dá certo não!” *[Risos]* E música, todos sempre foram muito musicais, mas os menores são mais. A menorzinha de todos, então, fala que vai ser cantora. Vai ser cantora! Tá bom! *[Risos]*

**Domingos: Como você acha que está a viola no cenário nacional hoje em dia?**

**Fabio:** Cara, eu vejo muito positivamente, um crescimento muito bom. Eu acho que tem gente focando em fazer coisas diferentes, sabe? Meu pensamento com a viola sempre foi isso: preciso achar meu rumo. Porque se for pra cantar em dupla fazendo o que todo mundo faz é melhor não fazer, ou você vai virar compositor de música pra galera. Você tem que ter o seu, precisa achar o seu, acho que é muito legal, tem muita gente procurando isso e muita gente que já achou fazendo. Você vê trabalhos como o do [Ricardo] Vignini, por exemplo, fenomenal, não tem nem o que falar. Você tem os meninos, o [Bruno] Takashy, nossa, o próprio Arnaldo Freitas, putz! É um leque muito grande de vertentes, de tocadores, de tocações, de jeitos de fazer, de compor, que acho fenomenal. Fico muito feliz de estar inserido, nem que seja num cantinho assim... Com essa turma nova! Teve uma vez que a gente foi, essas coisas de tocar em casa, um amigo nosso de Anápolis estava fazendo aniversário: “Pô rapaz, vamos lá, vamos tocar uma viola.” Falei: “Pô, pode ser, que dia?”

“-Sábado.” A gente combinou, deu certo de ir pra Anápolis tocar viola lá. Apesar de ter vindo pra cá com onze [anos], eu não tenho muita cara de caipira, mas sou assim, é o meu jeito, não tem muito o que fazer. O amigo pegou e anunciou que um violeiro ia tocar lá no almoço, lá no aniversário dele, eu fui, estava de tênis, de bermuda, camiseta... [Risos] Aí eu cheguei: “- Ah o violeiro chegou!” O povo ficou todo assim, cadê esse violeiro? A gente já chegou meio tarde, falou: “Vamos tocar duas modas ali.” Ele também toca violão. “- Vamos tocar duas modas ali só pro povo saber que você chegou.” “- Ah, tá bom.” Peguei a viola e tal, tocou as duas modas lá, aí quando terminou de tocar: “Agora vamos almoçar que já está tarde.” Pus a viola lá, quando eu virei assim, tinha um senhorzinho, rapaz, de braço cruzado, me olhando com a cara mais feia. Eu: “Ô...” Ele: “Olha, esse aqui é meu sogro!” Eu falei: “Ishi!...” “- O senhor está bom?” Aí ele pegou na minha mão forte assim, me puxou pra perto dele, falou: “Rapaz, quando ele falou que tinha um violeiro chegando e eu vi que era você falei: esse trem não vai dar certo não...” Aí eu ri, falei: “Ah, tudo bem fazer o quê?” Ele falou: “Mas ficou bom, gostei da tocada!” Eu falei: “Tá certo, a gente vai quebrando estereótipos! Mas não vou pintar o cabelo de azul, não se preocupe... Até porque eu não tenho!” [Risos]

### **Domingos: Você é caipira?**

**Fabio:** Cara, eu acho que sou. Fácil! Fácil, dos caras falar: “Ah você é da cidade?” Não, é da roça. Não tem jeito não. Você virar pra mim, falar: vamos pescar? Bora! Sei fazer arapuca, sei fazer os trem tudo, vamos embora. Sou do mato e quem disser que não é porque não me conhece! Como diria o mestre Guimarães: Sertão é tudo, não é velho? Sertão está dentro da gente. Sertão é você, sou eu, é o lugar onde a gente está e pra você ser do sertão, basta você se sentir do sertão. Então com certeza eu sou caipira, apesar de uns dizerem que não, mas é!

### **Domingos: É possível se manter caipira na cidade?**

**Fabio:** Cara, é velho. É sim, muito, até falando velho. Mesmo falando velho você pode ser caipira, com certeza! É engraçado, nesse período que morei na Cidade Ocidental eu era roqueiro. Eu tinha cabelo, era cabeludo, tal, tinha uns meninos lá que tocavam e eu cantava já, na época. As coisas do Nirvana, Guns N’ Roses, cantava tudo, mas o povo ficava me sacaneando, porque aí quando cantava qualquer outra coisa: “Ah, vamos levar um Legião [Urbana].” Aí vai levar Legião o povo falava: “Não Fabio, não canta não.” “- Ué, por que não?” “- Porque você abre a boca fica parecendo música sertaneja!” Falei: “É, não tem jeito, está no sangue o troço!” É isso, acho que qualquer coisa que vou cantar vai ficar parecendo música sertaneja! [Risos] Não tem como, mesmo que eu não quiser. Toca um samba, bora, aí ó! Vou cantar em inglês qualquer hora pra ver, fica engraçado pelo menos! [Risos]

### **Domingos: Como você acha que vai ser o caipira do futuro?**

**Fabio:** Rapaz, tecnológico. Muito tecnológico, todos nós vamos ser, já somos. E ligado em rede social, principalmente, você vê, até Zé Mulato e Cassiano está aí no *instagram*. Eu acho que o caipira tem que ter uma meta. Qual seria essa meta? Sobreviver. Como é que você vai sobreviver num mundo onde cada vez menos as pessoas se interessam pelo tipo de música

que você faz? Algumas pessoas dizem: a gente precisa preservar. Preciso manter o padrão de dupla, de cantar daquele jeito, de viola, de violão, eu não posso mudar. Tudo bem, você tem um público pra isso. Você pode ter um público que está morrendo pra isso também. Como você vai formar um novo público praquilo se você não se atualizar? Eu não digo e não defendo que você pegue guarânia e misture com *reggaeton*. Mas será que não presta? Será que alguém já fez? De repente se fizer, se você chegar a ter essa ideia e for atrás, pode ser que o garotinho que gosta de Anita vai ouvir a sua música e dizer: “Pô isso é legal, cara.” Porque aí o inconsciente coletivo está ali do lado, a gente acaba saindo ganhando. Então eu acho que hoje, se você pega quem tenta inovar demais no caipira, acaba não dando muito certo porque a pessoa busca aquilo que está na moda. Isso é uma visão minha pessoal própria! *[Risos]* A pessoa busca aquilo que está na moda e talvez não seja o que está na moda que precisa fazer. Você tem diversos, pô, Brasil, pelo amor de Deus, tem quantos ritmos espalhados aqui por esse mundo inteiro, que você pode estar misturando. Chico Science está aí, sabe? Então eu acho que preservar é renovar. Preservar não é manter como está. Preservar é renovar, se você renova você renova o público, você leva pra frente além de tudo. Além de preservar, conquista outros públicos, você chama outras pessoas praquilo, porque se você ficar com a mesma temática, com a mesma coisa, eu acho difícil não morrer. Vai ficar fadado a fazer uma música datada que vai remeter à música tal, de mil novecentos e pedrinha, e que não vai ter um público novo praquilo a não ser seus amigos e familiares. Esse pra mim é o maior desafio: conseguir achar um rumo no meio desse cipoal aí de ritmos brasileiros e tentar trazer público novo, sabe? Até tenho visto algumas iniciativas de gravadoras, mas nada que atraia. Seja porque o artista é muito isso ou muito aquilo, não sei, ou que destoa demais, sabe? Não sei, mas pô, você tem tanto instrumentista bom, tanto compositor bom. Acho que falta esse pulo do gato pra viola, de você ser contemporâneo sem perder a essência, isso que é difícil. Por que não comercial? Vai que você consegue chegar nesse caminho sendo você e ser comercial, vendável. Muito legal! É uma utopia, mas é uma utopia interessante! *[Risos]* O que é o artista se não sonhar? Tem que pensar adiante!

**Domingos: Ia até te perguntar se você vê uma relação entre o tradicional e o contemporâneo?**

**Fábio:** Tem o tempo todo. Mas eu acho, pelo menos das coisas que vejo, tem muita gente contemporânea que tem um certo medo de ousar. Porque cara, é um saco, você precisa ter rótulo o tempo inteiro. Ah, fulano é isso, ciclano é aquilo, senão o cara não se encaixa. É muito chato isso, no fim das contas, a pessoa acaba ficando preocupada. Meu, Tião Carreiro cantava samba. Tião Carreiro gravou tango. Tango! Pô, se o Tião gravou por que eu não posso fazer? Se alguém falar: o Tião fez, estou cantando um samba do Tião! Mas se você fizer a pessoa torce o nariz. Tanto é que tem programa que você não pode ir lá se você não for como dupla, porque vai fugir do padrão. Padrão? Não dá. Eu acho que algumas pessoas tentam inovar, mas ainda têm certo receio, medo, não sei, sabe? Gente muito boa que poderia realmente explodir com a coisa e que tem medo da tradição. Acho que não tem que

ter medo da tradição. Tradição você tem que respeitar, colocar ela no peito, num brochezinho, falar: “Estamos aqui, vamos adiante!” Senão a caravana passa.

**Domingos: Você considera importante registros como esse que nós estamos fazendo agora?**

**Fábio:** Nossa, imensamente. Acho que *youtube* hoje é o maior divulgador de todo mundo. Até brinco, digo assim: se existisse *youtube* e rede social na época da dupla, talvez a gente tivesse feito sucesso sem precisar pôr dinheiro, porque explodiu ali acabou. Você bota a *hashtag* certa hoje, no *twitter*, do nada vira celebridade, então tem o que falar, tem o que mostrar, foi, acabou! Esse trabalho que você vem fazendo de resgate, de mostrar as pessoas, é fenomenal. Acho que você precisaria, inclusive, ter mais porque é muita gente pra mostrar. Você começa a cavoucar vai aparecendo gente muito boa espalhado pra todo lado, não é? Trabalhos como esse aqui é fundamental. Pra quem está começando, igual eu, então, pô, é o sonho!

**Domingos: Você se considera candango?**

**Fábio:** Totalmente. Candango, calango, totalmente. Daqui sem tirar nem pôr. Minha família, meu bisavô é italiano, veio da Itália pra cá, chegou em São Paulo e meu avô veio de São Paulo pra cá na época da construção de Brasília. Mas não veio pra Brasília, se instalou em Anápolis, depois foi pra Corumbá de Goiás, ele se casou com minha avó lá. O povo nasceu todo lá e veio pra cá, já nessa coisa da construção, da inauguração da cidade. Vai fazer sessenta anos agora, ou seja, foi justamente naquele mesmo período. E meu pai é nordestino, ou seja, mistura doida aí de polenta com mungunzá e pamonha! *[Risos]* E o que é Brasília? É isso! Você colocar no mesmo prato as três coisas assim e mandar bala! *[Risos]*

**Domingos: Se você fosse uma música, qual seria?**

**Fábio:** Ichi! Que difícil, hein, velho? Cara! Eu acho que “Travessia”. Na verdade duas, eu fico entre “Travessia” e “Cais”. Pra mim não tem como não ouvir e se arrepiar, falar: nossa, realmente Milton é demais!

**Domingos: Pra você, Fábio, o que é memória?**

**Fábio:** Memória pra mim sempre foi uma coisa muito ligada à imagem - por causa da fotografia -, e ao olfato, ao tato, aos sentidos. Memória é algo que te remete a um lugar que você já viveu e que você guardou como recordação, pro bem ou pro mal. Recordações ruins também ficam e todas essas coisas fazem parte de você. Todas essas memórias boas, ruins, que você viveu, é o que te traz aqui hoje. É o que te faz viver hoje, então é o que você é. Tem que ser, assim como a tradição, tem que ser respeitado e levado pra frente sempre, usado como combustível pra te mover.

**Domingos: E o que é a vida?**

**Fábio:** Cara, a minha vida o que é, meu irmão? Diga lá! É a junção de tudo isso! Das pontes que você atravessou. Das estradas que você pensou em cruzar e do primeiro passo que você deu pra conseguir ir, senão você não vai não. A vida é você marcar na beira do rio se ele está cheio ou vazio pra você poder ir pra escola e você olhar e falar: cara, esse rio não vai parar de encher, eu preciso me virar e ir pra escola! A vida são pequenas decisões que você é obrigado a tomar e precisa aprender a ter consciência que essas decisões vão gerar várias mudanças na sua vida. E que essas mudanças foram em função das decisões que você tomou e você precisa aprender a aceitar essas mudanças. Porque o que mais a gente vê é gente que planejou, mudou e não aceita a mudança. Não tem consciência de onde está e do que você é. A vida é isso! Simples! E complexa! *[Risos]*

**Domingos: Numa viola dessa [elétrica] aí tem como colocar guizo?**

**Fábio:** Rapaz, uai, eu acho que tem até porque ela é furadinha, acho que dá sim! Vamos achar um guizo pra pôr nela. Eu tinha um, sabia? Eu tinha um dessa cascavel lá do retiro, só que acho que meu avô começou a tirar guizo demais, aí alguém, acho que foi essa velha, falou pra ele: “Ó, não fica arrancando os guizo da cobra não que isso dá problema.” Aí ele parou, mas tinha um chocalho cheio de guizo assim! E tem a história do ano, cada gominho ali diz que é um ano que a cobra já trocou de pele, tem umas coisas muito doidas assim. Mas vou arrumar um e colocar, acho que vai ficar legal.

**Domingos: Se você fosse deixar uma mensagem pra alguém que está começando na viola, na música, o que você diria?**

**Fábio:** Eu diria pra acreditar em si mesmo. Porque tem alguém que sempre sabota a gente, velho, sempre tem. Tem alguém que sempre te sabota. Tem alguém que você escreve seu primeiro poema, o cara lê e fala: “Putz, que merda! Tá doido!” Aquela música que você tira, fala: “Putz que horror!” Você vai cantar, o cara fala: “Putz, nossa senhora, que horrível!” Sabe quem é? É você velho. É você mesmo que escreve o poema, olha, fala: “Não gostei.” Vai tocar: “Eu não gostei.” Não gostei. Você é seu maior sabotador. E a gente tem um poder impressionante de se autodepreciar, de achar que tudo que faz é ruim. Ah, não, não gostei. Tenho vergonha disso, não quero mostrar não, deixa aí, tal. Você precisa acreditar em você. Acreditar no que você faz, precisa acreditar que o que você faz é bom e que não é porque a sua música fala de amor, porque sua música fala da chuva caindo na terra, da chuva caindo na roseira, que é ruim porque Tom Jobim fez melhor. O Tom Jobim pode ter feito, mas você está fazendo a sua. Primeiro passo: tem que acreditar. É bom, você é bom, você consegue, você é capaz. Acredita nisso, para de se autodepreciar e vai ralar, é estudar. Hoje em dia tem tudo na internet, nossa velho, caramba. Se tivesse internet quando comecei, com certeza eu seria músico, exclusivamente músico, certeza. Era muito triste correr atrás das revistinhas... *[Risos]* Então, se tiver algum recado pra dar, se alguém assistir e se sinta tocado: acredite em você, vá atrás, rala, você consegue e você é bom. Você é bom, você só precisa acreditar! Que é a parte mais difícil! *[Risos]*



**Tati: Porque a escolha dessa viola?**

**Fábio:** Essa viola é de uma fábrica de violões chamada Caimbé, de São Paulo, eles fazem os violões que são usados pelo...

**Domingos: Menescal?**

**Fábio:** Menescal. Fazem os violões que são usados pelo Roberto Menescal, violão midi. Essa viola não é midi, mas ela tem uma captação diferente e tem volume pra cada uma das cordas aqui. Grave, médio e agudo e volume pra cada uma das cordas. O Almir [Yassir] Chediak procurou eles, a Caimbé, e deu a ideia de fazer uma viola com esse corpo do violão Caimbé, que é semiflat. Saíram algumas com assinatura dele, depois eles passaram a fazer sem assinatura e tive a felicidade de ser um dos primeiros compradores dessa aqui. Como moro em apartamento, eu precisava estudar e com a outra viola não dá, trabalho até nove da noite, chegava em casa e incomodava todo mundo. Essa, como é elétrica, você consegue tocar quase como se fosse uma guitarra ali, sem incomodar os vizinhos. E se precisar [\[dedilha a viola\]](#), o som está aí, é só ligar na caixa!

**Domingos: Caipira do futuro aí!**

**Fábio:** É! É diferente, fica diferente. Mas você sabe que tenho vontade de ter uma daquelas de Queluz? Roberto até falou que fulano ia ter. Acho aquela violinha tão bonitinha, você bota num saco, leva nas costas. Essa aqui não dá, não é viola pra você levar pra roça, não tem como!

**Domingos: Você Falou Almir Chediak, mas é o Yassir Chediak, não?**

**Fábio:** Yassir, não é? Yassir, isso, verdade, o Almir é o pai dele, não é isso? Acho que é aparentado lá, se não me engano, parentes. Yassir Chediak o homem da viola, da revista Viola Caipira. Pois é, então vamos pensar numa moda aqui pra gente fazer. Essa moda chama "Coração de Violeiro" é do Delamare de Abreu e Alvarenga, gravada pela primeira vez por Rolando Boldrin no disco "Caipira", de 1982. Esse disco é fenomenal, gente, ouçam! É fantástico, viu? Ele não gravou como uma moda. Vou fazer ela aqui como uma moda de viola pra vocês.

*[Toca viola caipira e canta a música "Coração de Violeiro", de autoria de Delamare de Abreu e Mutilo Alvarenga:]*

*Naquela tapera véia*

*Que o tempo já destroçou*

*Morou Zé Dunga, um pretinho*

*Valente trabalhador*

*Foi o maior violeiro que Deus no mundo botou*

*Sua viola parecia*

*Um passarinho cantador*

*Trabalhava o dia inteiro*

*Feliz sem se lastimar*

*Mas quando a lua formosa*

*No céu pegava a brilhar*

*Toda gente arrodia*

*Pra ver o preto cantar*

*Sua viola de pinho*

*Fazia as pedras chorar*

*Acontece que a Carolina*

*Cabocla esprito de cão*

*Bonita como a sereia*

*Mas que mulher tentação*

*Pra judiar do pretinho*

*Fingiu lhe ter afeição*

*Querendo que nem criança*

*Brincar com seu coração*

*Coração de violeiro*

*Não é como outro qualquer*

*É frágil que nem as pétalas*

*Do mimoso malmequer*

*Que cai com o vento das asas*

*Do beija-flor do tié*

*Perde a vida quando a abelha*

*Vem pra lhe roubar o mel*

*Por isso o pobre Zé Dunga*

*Magoado pela traição*

*Não podendo mais guentá*

*No peito a grande paixão*

*Agarrado na viola*

*E debruçado no chão*

*Foi encontrado com um punhal*

*Cravado no coração*

**Fabio:** Isso aí!

\*\*\*\*